



CIDADE DE S. SALVADOR, BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

1.º

ELREI D. João 3.º, successor de seu pai D. Manuel não só na corôa como tambem nos projectos de novos descobrimentos, para proseguir nestes mandou a reconhecer a costa do Brasil Christovão Jaques, o qual andando no desempenho da sua commissão felizmente aportou á terra da *Bahia de Todos os Santos*, que assim denominou pela ter avistado no 1.º de Novembro, anno de 1525. Antes d'elle alguns francezes navegavam naquellas paragens, com o intento de negociar com os indios e tomar subrepticamente posse do paiz; mas Jaques encontrando umas naus daquella nação as metteu a pique, e obstou á concorrência d'outras (*). Porem o primeiro estabelecimento europeu na Bahia, que era habitada pelos ferozes tupinambás, foi fundado por Francisco Pereira Coutinho, que intrepida e briosamente tinha militado na India; porque não podêmos contar por estabelecimento a temporaria residencia de Diogo Alvares, a quem a desgraça e o acaso lançaram naquellas praias, e a industria e arte de captar as vontades dos selvagens preservára de ser morto e devorado; a historia extraordinaria e romantica deste portuguez, que os barbaros em sua linguagem apelidaram *caramurú* (*dragão do mar*), e pelo uso que da polvora lhe viram fazer *filho do trovão*; a narração de seus amores com a bella Paraguaçú, que depois baptisada em França recebeu o nome de Catharina, são entre nós bem conhecidas pelo poema do P.º Fr. José de St.ª Rita Durão, que o intitidou da antonomasia do heroe Caramurú; é composição poetica muito estimada e que tem duas versões no idioma francez.

Quiz D. João 3.º remunerar os muitos e importantes serviços de Coutinho, no Oriente praticados, e fez-lhe mercê de toda a terra que decorre desde a Ponta do Padrão até o Rio de S. Francisco ao longo do mar e pelo sertão dentro, accrescentando-lhe depois a doação com a terra da Bahia e seus reconca-

vos. Funesta todavia foi a graça para o valoroso colonizador, porque na primeira tentativa, tendo fundado e fortificado uma pequena povoação no sitio hoje chamado Villa-velha, o gentio de tal modo o inquietou e perseguiu, matando-lhe um filho e outros parentes e talando-lhe a cultura, que por ver os seus descoroçados abandonou a empreza e passou-se á proxima capitania dos Ilheus: intentando porrem commette-la de novo naufragou nos baixos de Gupariqua, e os poucos que com vida escaparam foram devorados pelos selvagens; o proprio Coutinho foi morto á traição, e assim ás mãos de barbaros acabou um heroe seus dias, mercedores de melhor destino.

Não obstante esta desgraça, D. João 3.º, que muito a sentiu, informado da fertilidade da nova possessão, enviou em 2 de Fevereiro de 1549 com uma armada Thomé de Sousa, com a nomeação de governador de todo o Brasil, e ordem de fundar uma cidade, a qual Sousa cumpriu; porque tendo desembarcado no lugar de Villa-velha, e examinado o territorio, passou a edificar a cidade de S. Salvador no assento, em que ao presente permanece, a qual logo começou com toda a regularidade, erigindo-se a igreja matriz, casa da Camara e palacio dos governadores nos mesmos sitios em que depois se reconstruiram com maior grandeza. Villa-velha ficava a meia legua ao sul da cidade, proximo á barra. A nova cidade se fortaleceu com cêrca de taipa.

No anno seguinte mandou elrei ao governador outra armada, bastecida de petrechos, munições, utensilios, alfaias do culto divino e outros objectos, com o preparo da qual se despenderam mais de trezentos mil cruzados. Levou por capitão Simão da Gama e Andrade, e nella se embarcou o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, ecclesiastico grave e de muitas lettras e virtudes. Em todos os annos continuou a sahir de Lisboa uma armada, que levava de povoadores, alem de degradados, muitos casaes de voluntarios, e tambem toda a qualidade de generos, porque ainda não havia commercio estabelecido

(*) Pizarro. Memor. hist. do Rio. Cap. 1.º do Liv. 1.º Tom. IV. SETEMBRO 12. — 1840.

e para alli encarreado; estes se vendiam aos moradores pelo custo de Lisboa, descontando-se-lhes nos soldos e vencimentos. Na armada de 1551 tinha mandado a rainha D. Catharina algumas donzellas nobres, das que por conta sua eram educadas no recolhimento das orfaãs, muito recommendadas ao governador, para que se casassem com as principaes pessoas, conferindo-se-lhes em dote officios da justiça e fazenda, para augmento e nobreza do estado, que com todas estas e outras adequadas providencias foi gradualmente prosperando, e ganhando ao mesmo passo força para resistir aos accommetimentos dos indios bravios.

Foi o segundo governador D. Duarte da Costa, que, por ordem regia, deu á cidade por armas uma pomba branca, com tres folhas de oliveira, em campo verde. Todo o tempo do governo de D. Duarte foi uma continuada peleja contra o gentio indigena: seu filho D. Alvaro da Costa capitaneou os nossos com prospero successo em repetidas victorias, que dos barbaros alcançou. Teve por successor Mendo de Sá, que regeu o estado por quatorze annos successivos combatendo acerrima e gloriosamente contra as tribus guerreiras e audazes dos tupinambás; e ainda que D. Catharina, por falecimento do monarcha seu esposo se esqueceu um tanto d'enviar soccorros á Bahia, o governador manteve com animo a conquista, vencendo e afugentando os gentios, devastando-lhes e queimando-lhes mais de trescentas aldêas, de que só escaparam os que se embrenharam pelo sertão.

Nos seguintes governos, crescendo o commercio, se opulentou a Bahia ganhando moradores, edificios publicos e particulares, riquezas e esplendor, que apesar das vicissitudes e flagellos das discordias civis, sempre tem conservado, sendo uma das mais importantes cidades e portos do imperio brasilico.

Em tempo de Filippe 2.^o, em 1609 se instaurou na Bahia o tribunal da relação segundo o systema judiciario adoptado em Portugal: e reinando D. Pedro 2.^o foi elevada a metropolitana a igreja cathedral pelo pontifice Innocencio 11.^o, sendo seu primeiro arcebispo, D. Gaspar Barata de Mendonça. No governo deste ultimo monarcha, a requerimento do senado da camara da cidade da Bahia ou de S. Salvador se estabeleceu uma casa de moeda provincial para correr só no Brasil; porem como as provincias do Rio de Janeiro e Pernambuco não queriam arriscar os seus metaes preciosos na ida e volta para se irem cunhar á Bahia, já pelos perigos do mar, já pelos de piratas que então corriam a costa, representaram para que lhes fosse tambem concedido o privilegio de cunhar moeda provincial, ao que annuindo elrei fechou-se a casa do cunho na Bahia em 1698, tendo só trabalhado por espaço de quatro annos: até que de novo se abriu em 1724, sendo vice-rei do estado do Brasil o marquez d'Angeja, que o fóra igualmente da India, tendo apparecido nas minas de Jacobina, mui consideraveis naquella provincia, os mais portentosos grãos de ouro (*) que se tem encontrado no Brasil: igualmente no Rio de Janeiro se abriu a casa da moeda, que já estava supprimida.

A Bahia de Todos os Santos está na altura de 13^o; e tem os dias quasi iguaes ás noites. O seu inverno principia em Abril e finda em Julho, e nessa estação muito pouco se sente o frio: é o tempo em que as aguas correm ao longo da costa, e cem leguas ao mar della da parte do sul, para os rumos do norte por quatro ou cinco mezes, e ás vezes cursam os ven-

(*) Quatro destes, de notaveis fórmas, se pezaram logo, notando-se que um montou ao valor de mais de 720\$000 rs., e outro ao valor de 1:200\$000 réis.

tos do sul e sudoeste, e o sueste que é a travessia da costa. Abunda o terreno da Bahia em hortaliças e outros vegetaes, alguns proprios da Europa, muitos, e variadissimos, indigenas do novo mundo: os campos circumvisinhos, a costa maritima, os terrenos adjacentes, as ilhas da vasta enseada offerecem picturescas e agradaveis perspectivas, e nos arrabaldes ha vistosas quintas conhecidas pelo nome vulgar de xácaras. A fecundidade do solo é inextinguivel, e apesar de receber de fóra algumas carnes preparadas, nem por isso é falta de gados, e os dos Itacazes dão optimo leite de que se fabricam saborosos queijos, que se transportam para outras provincias.

De outros productos importantes, que constituem a riqueza principal do copioso commercio do paiz no subsequente artigo trataremos.

Consideremos agora no systema de fortificação que defende a Bahia. Ha varias fortalezas: na ponta da barra o forte de S. Theodosio e a fortaleza de S. João em forma de meio hexágono com boa artilheria, sendo uma das balizas que guarnecem a boca da enseada; entre outros fortins o de S. Thiago é importante e bem artilhado. Da parte opposta, a do norte, está o forte da Guia e mais para dentro a fortaleza de Santa Cruz fronteira á de S. João, de forma semi-circular. Dentro da enseada ha outras fortalezas; e sem fallar no forte de figura redonda por detraz do mosteiro de S. Bento, ha outras maritimas: á entrada da barra a de St.^o Antonio, de forma estrellada; a de St.^a Maria, parallelogrammo rectangulo; a de S. Diogo, circular, que defende a praia e porto de Santa Maria: dentro da barra a de S. Francisco com grande baluarte, a de Monsarrate com torreões, a de S. Filippe e S. Thiago com dois lanços de cortinas, e no meio do dilatado golpho a magnifica fortaleza de S. Marcello. Pela parte da terra temos a magestosa fortaleza de S. Pedro, para impedir o transito ao inimigo que do rio vermelho intentar invadir a cidade sem entrar pela barra; é composta de quatro baluartes com admiraveis defezas exteriores segundo os preceitos da arte militar. Não é menos notavel a de St.^o Antonio além do Carmo tambem com quatro baluartes que defendem as baixas e o caminho da Agua-bruca. No sitio da Soledade está o forte do Barbalho, que protege a cidade; e nas duas portas desta duas amplas plataformas cada uma com dois baluartes. Alem disto ha mais pontos de defeza, que tem sido aproveitados, e que bem providos d'artilheria serão em summo gráu vantajosos, ainda que exijam gente para os guarnecer. No Reconcavo em varias partes tambem ha reductos e outras obras, sendo consideravel a fortaleza de Itaparica, n'uma ilha ao poente da cidade, construcção primitiva dos hollandezes quando a senhorearam, mas depois grandemente aperfeçoada, e augmentada. Navegando a costa para o Sul vê-se outra de muita importancia, e bastante regular, a do Morro de S. Paulo, que defende a villa maritima de Gayrú e outras duas visinhas, e a povoação do rio das Contas, que são os celleiros da Bahia. Tomamos estas notas do inglez Mawe para mostrar que estes pontos fortificados, erectos todos antes da separação do Brazil, formam uma grandissima defeza a esta importante praça commercial, e que não devem ser desprezados por qualquer governo vigilante.

(Continuar-se ha.)

INTENTAM OS HOLLANDEZES A CONQUISTA DA BAHIA QUE NÃO CONSEGUEM.

PELOS annos de 1647 se achava na occupação de ge-

neral das armas hollandezas em Pernambuco Sigismundo Vanscop, soldado antigo e valoroso, porem de mais reputação que fortuna. Dominava grandes porções daquelle vastissimo paiz, e julgou que, conquistada a cabeça, facilmente as outras partes ficariam desanimadas e rendidas. Levado destes pensamentos ajuntou um grande poder naval e sahio do Arrecife por Fevereiro, e reforçando-se de gente e munições no rio de S. Francisco, entrou no dia 4 de Março do referido anno naquella famosa bahia, cujas aguas lavam os pés da cidade, a que ella deu o nome. Fazia a armada uma galharda ostentação aos olhos e aos ouvidos, já pelo numero e magestade dos baixes, ornados de bandeiras e flammulas de diversas fórmas e alegres côres, já pelo estrondo marcial das bocas de fogo e das caixas, trombetas, e clarins. Desembarcaram promptamente em um sitio chamado Itaparica, tres leguas da cidade; e em um logar que lhe pareceu mais defensavel levantou Vanscop um forte, capaz de alojamento, rodeado de quatro baluartes, e artilhado de muitas e reforçadas peças, com tal arte que dellas se desquartinavam os angulos da força principal, cruzando-se as ballas por toda a circumferencia. Era o seu intento devastar [como fez] toda a campanha, atirando a dois fins: — um enriquecer e alegrar os seus com despojos: — outro constranger os paisanos a que se recolhessem [como tambem fizeram] á cidade, para que crescendo a gente crescesse igualmente a falta de mantimentos. Era então governador do estado Antonio Telles da Silva, e chamando a conselho os cabos principaes da guarnição da cidade, propoz a sua resolução, que era desalojar os inimigos, atacando-os nos seus mesmos quartéis. Dizia: «que era injuria das nossas armas a assistencia do hollandez dominante aos nossos olhos: — que deixa-lo senhor da campanha sem alguma opposição era mostrar patente receio do seu poder, e desconfiança do nosso: — que a nossa omissão augmentava a sua ousadia: — que já iam faltando os viveres na cidade, e seria cada vez maior a falta, porque as correrias do inimigo cortariam todos os combates: — que bem reconhecia a difficuldade da empreza, e desigualdade das forças; mas que era o costume do braço portuguez emprehender e conseguir cousas grandes sempre com poder inferior.» Calaram-se todos; porque guiados pela razão nenhum quiz approvar; e attentos ao respeito, nenhum se animou a contradizer aquella arrojada proposta. Só o mestre de campo, Francisco Rebello, famoso igualmente no pulso e no conselho, expoz o que lhe parecia, dizendo: — «Que era mais temeridade do que valor aquella resolução: — que o inimigo se achava tão fortificado que ainda no caso de victoria seria muito maior a perda que a utilidade: — que a summa do negocio no tempo presente era defender a Bahia, fim para que se deviam conservar as forças inteiras: — que desbaratadas naquella invasão seria abrir uma porta ao inimigo para conseguir facilmente a conquista que intentava: — que se devia esperar pelo beneficio do tempo em que succederiam novos accidentes que podiam felicitar as nossas operações: — que para a conducção dos mantimentos não faltava campo no dilatado circuito da cidade, estando a maior parte dos hollandezes a um só lado della: — que elle votava contra o seu desejo, mas que attendia ao que era mais conducente á conservação do estado, e ao serviço d'elrei.» — Não admittiu o governador estas rasões todo atado ás suas, e sem esperar outros pareceres ordenou que na madrugada do dia seguinte se desse o assalto, accrescentando com imprudente ardor: «que quem tivesse medo podia ficar em sua casa.» Mas o Rebol-

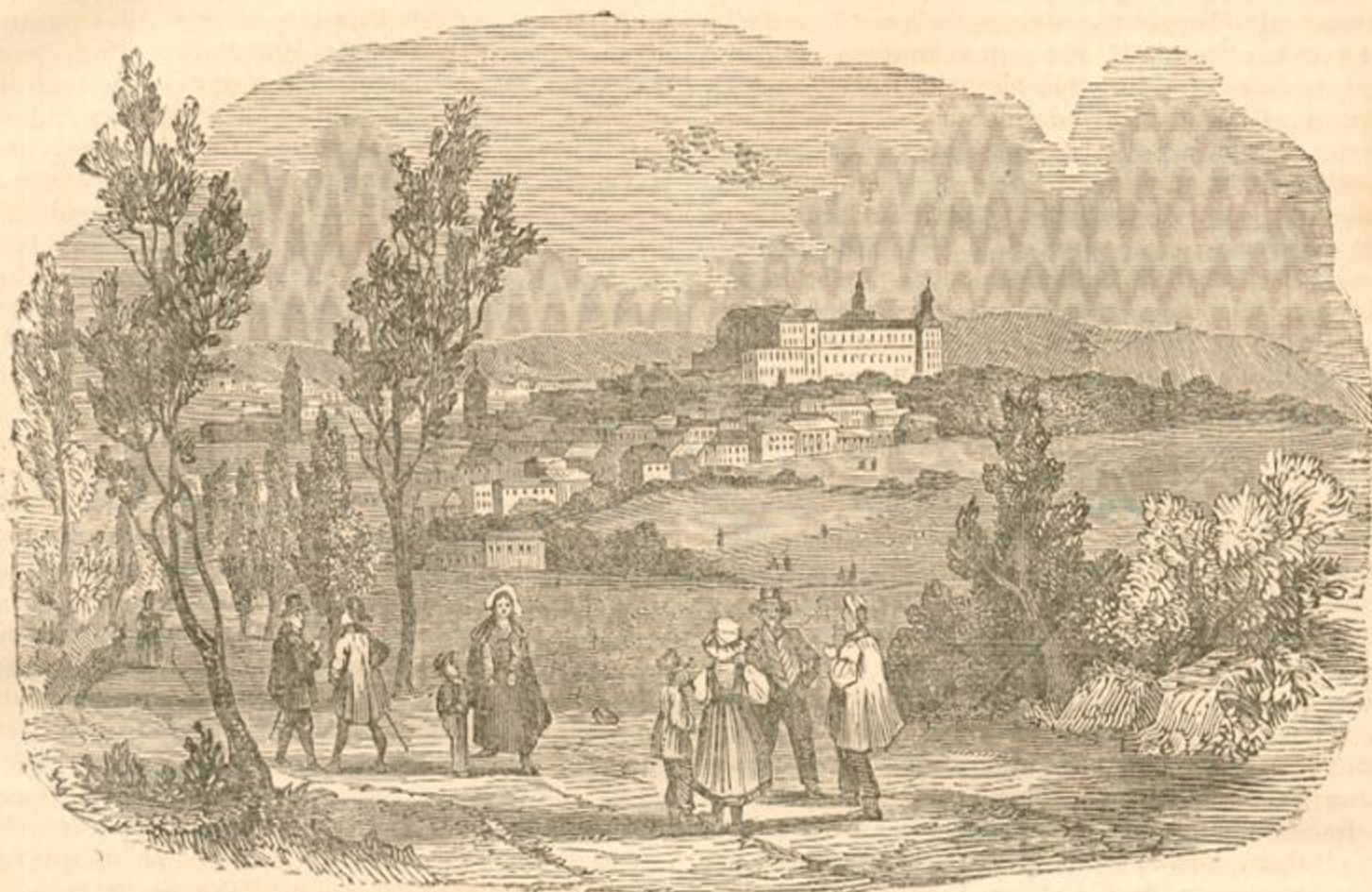
lo como tinha assentado a opinião na solida base de illustrissimas proezas fez pouco caso de palavras menos consideradas, e dispoz-se generosamente ás obras, e na madrugada do dia seguinte com mil e duzentos soldados investiu o forte dos hollandezes. Accendeu-se um furioso combate: o estrepito horrendo da artilheria; a grossura medonha do fumo; a luz escura dos relampagos produzidos das bocas de fogo, que incessantemente scintillavam d'uma e outra parte, formavam uma tal mistura de temerosa confusão, que cegava os olhos, atroava os ouvidos, e fazia estremecer os mais destemidos corações. Montaram os portuguezes os muros por entre diluvios de fogo e rios de sangue, sendo os corpos despedaçados e palpitantes de uns degrau miserando á subida de outros. E quando já parecia que a fortuna se nos mostrava favoravel acertou uma balla nos peitos ao valoroso Rebello de que cahiu morto. Com elle descahiram de animo os seus, que no exemplo das suas acções bebiam os maiores alentos. Retiraram-se em boa fórma sempre com o rosto no inimigo, que ficou tão sangrado que não se animou a sahir dos seus quartéis. Sobre estes ficaram mortos mais de quinhentos portuguezes; perda das mais lastimosas que soffremos na guerra, pela teimosa obstinação do governador, que agora reconhecia sem remedio o acerto do parecer contrario! Mantiveram-se os hollandezes naquelle sitio algum tempo, sem outras operações mais do que algumas entradas de pouco porte; porque os nossos lhes andavam á vista, e os cortaram com mão pesada por muitas vezes, até que sabendo que de Portugal os buscava uma poderosa armada, levantaram furtivamente o arraial, e voltaram a Pernambuco muito menos ufanos do que vieram. Foi o mestre de campo, Francisco Rebello, facilmente igual aos mais famosos capitães do seu tempo em valor e prudencia — virtudes que raramente se costumam achar juntas em um sujeito. Chamavam-lhe como por antonomasia o *Rebellinho* por ser de menos avultada estatura; mas nella e nos espiritos era um novo Alexandre. Podemos dizer que todo elle era coração, e correspondiam ao coração as forças. Occasião houve em que apertando nos braços um hollandez sem usar de outra arma lhe espremeu e arrancou a alma do corpo. O seu nome, ainda em diminutivo, augmentou sempre o alento dos seus soldados, e foi o terror dos inimigos. Com sessenta homens rompeu duzentos inteiramente. Quantas vezes pelejou tantas venceu; e pelejou e venceu vezes sem numero, já em campanha aberta, já soccorrendo praças sitiadas, já defendendo outras de perigosos sitios. Era igualmente valoroso e liberal: amava e favorecia os benemeritos, e de todos era bem-quisito. Morreu, como dissemos, á violencia de uma ordem intempestiva, e de uma resolução temeraria; mas nunca terá fim a fama e memoria do seu nome.

(Ann. Hist.)

O DOUTOR STILLINGFLEET.

O doutor Stillingfleet, prégador de Carlos 2.^o de Inglaterra, que em qualquer parte que prégasse recitava de cór os seus sermões, diante do rei sempre os lia. Perguntando-lhe o rei a causa deste procedimento, o prégador lhe respondeu: — Senhor, o esplendor da corte e a presença de V. M. me deslumbram e me não deixam confiar na minha memoria: — tudo me acanha e ataranta. Permittir-me-ha V. M. que eu lhe faça uma pergunta? — Sim, respondeu o monarcha com affabilidade. — Porque rasão quando V. M. abre ou encerra o parlamento lê os

seus discursos em logar de recita-los? Terá V. M. para isso os mesmos motivos que eu a respeito dos meus sermões? — Sem duvida, respondeu o rei: — os meus discursos no parlamento se reduzem sempre ou a pedir dinheiro a meus subditos, ou a agradecer-lhes o que já me deram, e tanto me envergonha isto, que me occupo em olhar para o papel em que trago o discurso escripto, só para lhes não ver a cara.



GOTHA.

DUCCADO DE SAXE-COBURGO-GOTHA.

A MUI illustre e antiga casa de Saxonia, alliada por vinculos de parentesco com todos os soberanos da Europa, acha-se dividida em dois ramos principaes: o *ducal* ou *ernestino*, que se subdivide como logo diremos, e o *eleitoral* ou *albertino*, hoje de posse do throno real de Saxe ou Saxonia. O primeiro ramo, depois da extincção da linha directa dos duques de Saxe-Gotha, em 1825, comprehende quatro familias de principes soberanos e independentes, que tem seus estados naquella parte da Allemanha chamada antigamente Thuringia; e são os grão-duques de Saxe-Weimar, e os duques de Saxe-Coburgo-Gotha, de Saxe-Meiningen-Hildburghausen, e de Saxe-Altenburgo. Por estes tres ultimos se dividiu o territorio do ducado de Gotha.

S. A. o duque Ernesto, que é o actual reinante em Saxe-Coburgo-Gotha, nasceu a 2 de Janeiro de 1784, e começou a governar em 9 de Dezembro de 1806. Foi casado com a princeza Luiza, de Saxe-Gotha; e em segundas nupcias, celebradas em 1832, com uma filha do duque Alexandre de Wurtemberg. Tem dois filhos, o do seu nome que é o herdeiro presumptivo, nascido em 21 de Junho de 1818, e que ha pouco visitou esta côrte, e o principe Alberto, marido de S. M. a rainha da Graã-Bretanha, mais novo que o primogenito sómente um anno. De suas duas irmaãs uma casou com o grão-duque Constantino da Russia, e outra com o duque de Kent, é a mãe da rainha Victoria d'Inglaterra: são seus irmãos o actual rei da Belgica, e S. A. o principe Fernando, pai de S. M. elrei D. Fernando, esposo da nossa augusta soberana.

Os dois estados de Coburgo e Gotha, que hoje formam um só, segundo o ultimo recenseamento tem de população 131:861 habitantes, fazendo o de Gotha pouco mais ou menos dois terços de toda ella. A excepção dos judeus todos os habitantes são allemães, e seguem a religião lutherana, menos dois mil catholicos e mil judeus, que ha no paiz. As duas capitães e residencias do duque soberano são as cidades de Coburgo com 9:000 almas e Gotha com 13:000. Todos estes estados estão separados por assim dizer, ou cortados pelos estados d'outros principes.

Em todo o ducado ha tres gymnasios e escholas classicas, uma academia, dois seminarios para formar mestres das escholas, uma academia para senhoras em Coburgo, 35 escholas urbanas, e 300 ruraes. Basta isto para servir de prova do quanto a Allemanha se esmera em promover a instrucção publica, ainda quando o par de França, Victor Cousin e outros escriptores modernos, testemunhas oculares, o não tivessem patenteado á Europa.

O governo é uma monarchia constitucional, com uma só camara de representantes: Gotha, todavia, conserva a sua antiga dieta de tres cathogorias n'uma só camara. Para poder votar nos deputados da nobreza é necessario possuir certos bens ou rendas senhoriaes [*rittergut*]; e para deputados das cidades podem votar todos os cidadãos que não fizeram *bancarrota* nem foram punidos como transgressores das leis. Nas aldeas são eleitores os chefes de familia. Os deputados devem professar a religião christã, ser cidadãos do estado, e homens de immaculada reputação, e ter trinta annos de idade, Compõe-se o

ministerio de um secretario d'estado, e tres conselheiros privados. O tribunal superior é o supremo tribunal d'appellação, e os inferiores duas relações nas duas cidades principaes; em todo o paiz é a justiça administrada por bailios e outros magistrados. O contingente que fornece ao exercito da confederação é de 1:366 homens.

O actual soberano era duque de Saxe-Coburgo e de Saalfeld, mas em 1826, quando adquiriu o ducado de Gotha, cedeu Saalfeld á excepção de Kranichfeld. Depois desta mudança de territorio, foi um dos primeiros actos do seu governo a criação de um conselho privado, composto de officiaes do estado hereditario e do novamente adquirido. Cada ducado rege-se pelo seu particular systema de administração, lançamento e cobrança d'impostos. Em 1830 estabeleceu-se um diario para a mais prompta publicação das leis e decretos. Augmentaram-se ha pouco os fundos para a conservação e augmento dos livros, pinturas e medalhas em Gotha; e com muita especialidade e empenho se tem esmerado o governo em animar e favorecer o commercio: os monopolios estavam abolidos em Coburgo desde 1812, e o foram em Gotha em 1829. Estabeleceram-se exposições dos productos nacionaes, e escholas de commercio.

A jerarchia do nascimento não dá preferencia para o exercicio dos cargos publicos; nem a differença de religião destroe a fruição, igual para todos, dos direitos politicos. Todos os cidadãos são obrigados a servir na tropa por um determinado periodo, sujeitando-se ao sorteio, ou a dar homem por si. Nenhum cidadão pôde permanecer preso por mais de 24 horas sem lhe declarar o motivo da prisão.

O duque possuia tambem, em virtude do congresso de Vienna, o principado de Lichtenberg, distante dos outros seus estados, mas depois das perturbações de 1830, que nelle aconteceram, vendo a difficuldade de reger um paiz remoto e de gente inquieta, o alienou em favor do rei da Prussia. Os territorios em que actualmente reina são muito ferteis, bem cultivados, e com população copiosa, e é a agricultura o grande manancial da sua prosperidade. Os districtos ao norte são planos, cortados por series d'outeiros; os do sul são montanhosos e cobertos de mattas. Contem minas de ferro, de manganese, carvão de pedra, e ardesia. Tem grande quantidade de cardadores e tecelões, e algumas fabricas de tecidos de laã e de algodão. As outras manufacturas são ferragens, obras de serralheiro, arame, utensilios de cobre, meias, courama, sabão, e colla. Ha cinco fabricas de papel, tres de porcelana, e tres de quincalherias de ferro. Exportam-se trigos, laãs, potassa, os productos das manufacturas de ferro, manteiga, pannos de linho, erva-doce, carnes preparadas, pastel de tinturaria, pez, e sobre tudo muitas madeiras.

Coburgo, cabeça do principado deste nome, está situada n'um paiz delicioso. O paço de Ehrenburg, onde o actual duque fez consideraveis melhoramentos, é dos mais notaveis edificios publicos; tem livraria, gabinete d' historia natural, outro de medalhas e pinturas, outro de armas antigas. Na cidade ha gymnasio com bibliotheca, specimens de historia natural, e medalheiro: e nas visinhanças o castello de Coburgo com uma casa de trabalho e correcção. Os outros edificios são a casa do senado, a do governo, no estylo italiano, o asylo dos orphãos, a casa d'armas, a igreja de S. Mauricio, com o monumento d'alabastro do duque João Frederico. Nos arredores ha formosos passeios antigos e modernos, e a bella casa campestre e de recreio, chamada Roseneau, pertencente á familia reinante.

Gotha, capital do ducado, e residencia do soberano, sobre o Leine, jaz nas faldas da eminencia coroada pelo paço ducal de Friedenstern, que é cercado de jardins e arvoredos de recreio, e o compararam muitos a Windsor-Castle em Inglaterra. Ha nelle a livraria ducal de 20:000 volumes, e a nacional de 60:000, e 2:000 manuscriptos, entre os quaes se contam quatorze volumes de folio da correspondencia de S. Bernardo, e 500 codices arabes: a sua collecção de medalhas é das mais celebres da Europa, comprehendendo 10:000 antigas, e 52:000 modernas; só o valor intrinseco das de ouro computase em mais de quarenta mil cruzados: tem alem disso uma livraria de obras de numismatica de 6:000 volumes. O museu oriental é unico no seu genero na Allemanha. A galeria de pinturas tem perto de 1:500 quadros; alem do que, ha collecções de antiguidades, de bellas-artes, de historia natural, &c.

A cidade é limpa, bem calçada e illuminada, da fórma d'um longo quadrilátero irregular, e de gracioso aspecto depois que as muralhas foram demolidas e convertidas em publico passeio. Os demais edificios notaveis são; o arsenal, as duas casas do municipio, velha e moderna, o paço da assemblea dos estados, e sete igrejas, todas lutheranas, sendo as principaes a de St.^a Margarida com o jazigo dos duques e a do asylo dos orphãos. A universidade fundada em 1524 entra na cathegoria das melhores da Allemanha. A instrucção publica propaga-se por meio das escholas de semana e do domingo para as classes pobres, ha uma para militares, outra de desenho, a dos aprendizes fundada em 1818; outra aos domingos para officiaes mechanicos, mantida pela sociedade promotora das artes; um instituto para crear os mestres, que é dos mais antigos na Allemanha. O calendario da côrte de Gotha foi tambem dos primeiros que neste genero appareceram. Os differentes estabelecimentos para os pobres, e que são bem dirigidos, constam de tres hospitaes civis, dois militares, um asylo e enfermaria de pobres, e outro para mulheres de mais subida condição. Proximo da cidade fica o celebre observatorio de Seeburg, excellente construcção, mandada levantar pelo duque Ernesto 2.^o, sobre um alto cabeço: e nas visinhanças o palacio de Friedreichsthal, que encerra valiosos monumentos da arte italiana.

Terminaremos o presente artigo observando que a illustre casa de Saxe-Coburgo é indubitavelmente uma das mais afortunadas entre as grandes familias hoje existentes na Europa; e que nem a enredos, nem a maquinações [como bem observa o Dr. Hawkins] deve o seu esplendor e incremento, mas sim á nobreza de sua ascendencia, á educação, modestia, moderação e outras conspicuas virtudes, que lhe tem grangeado perenne e geral credito e estimação. É notavel o logar distincto que esta familia occupa na historia moderna. O duque reinante juntou, como vimos, á sua originaria soberania de Coburgo a herança de Gotha; seu filho mais novo está desposado com a rainha da Graã-Bretanha. Seu irmão, Leopoldo, casado em primeiras nupcias com a herdeira d'Inglaterra, mereceu nas segundas a mão de uma filha do rei dos francezes; e depois de ter recusado o throno da Grecia foi escolhido para rei do novo reino da Belgica. Uma irmã casou com o grão-duque Constantino, e pelo curso natural dos acontecimentos esteve a pontos de ser imperatriz de todas as Russias: outra é a mãe da rainha Victoria. O irmão mais velho desposou-se com uma das maiores herdeiras do imperio austriaco, a filha do principe de Kohary; e desta feliz alliança nasceu Sua Magestade Fidelissima, ElRei D. Fernando. Este bre-

ve epilogo é o maior elogio desta augusta e nobilissima casa.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.

2.^o

(Veja-se a pag. 179 deste volume).

PROMETTEMOS dar um extracto da Representação dirigida por D. Francisco Manuel a elrei sobre a sua prisão, da qual já apontámos um largo trecho como documento para a historia da sua vida. Desempenharemos hoje a promessa, e concluiremos este rapido esboço biographico de tão illustre varão, dando uma resumida noticia dos seus numerosos escriptos.

Depois de mencionar brevemente os serviços que fez ao seu paiz e a seu rei, com a espada e com a penna, D. Francisco Manuel prosegue assim:— «Senhor!—se estas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores, pelas quaes logo o animo dos homens é conhecido.»

«Quaes são os meus tractos? Qual o animo? Que soffrimento? Que pesar ou alegria com os bons ou maus successos publicos? Que pessoas são as de minha amisade? Que taes as rasões que me são ouvidas?»

«Constará que minhas correspondencias são com os sugeitos mais graves deste reino, e de maior religião e virtude:—que aquelles com que tenho mais estreita amisade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os ministros e creados de V. M. mais confidentes, e mais para o serem.»

«Fóra de Portugal aquelles que de mim tem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outras pessoas de que V. M. faz toda a conta e estimação.»

«Meus commercios são as lettras e os livros, em que maior piedade e honra se acha, como é notorio.»

«Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella, que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos e adversos acontecimentos da sua patria.»

«É constante, que, succedendo neste reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infidelidade, sem os quaes Deus não quiz conceder a gloria de vermos a V. M. em seu throno, foi tambem elle servido, por sua infinita bondade, que havendo-se enredado naquellas materias muitas pessoas, com culpa ou sem ella, não fui eu nenhuma dessas.»

«Não é menos certo que em nove annos de Portugal, seis de prisão, e em quasi todos de perseguição, foi sempre tão claro e tão singelo o meu procedimento, que, apesar do artificio dos emulos, não houve nunca lugar de me occasionarem esta ultima ruizna.»

«Onde se achará, senhor, no mundo um máu que assim saiba e assim possa reprimir a sua malicia, e porque se não acabará de crer que é bom quem por tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?»

«Que maldade não commette quem contra um proceder tão justificado pretende oppor sombras de maliciosos pensamentos?»

«Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.»

«Acaso o ver-me enterrado vivo no melhor de minha idade, quando pudera esperar de possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só regra, uma só palavra impaciente?»

«Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam

de m'a não achar, e chegando a tanto que m'a não acharam, foi porventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos, que voluntariamente havia lançado em minha propria boca?»

«Cansei a V. M. alguma hora com petições de melhoras, ou de allivio de prisão?—senão que padecendo meus males e trabalhos, me accommodei sempre de tal sorte com a prisão que V. M. me assignou, que já póde ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem dessa temperança quizesse fazer artificio?»

«Ouviu alguém o meu nome antes d'agora pelos tribunaes, accusado de algum delicto?»

«Esta observação é um dos incentivos que mais estimulam a meus contrarios a fazerem hoje contra mim todo o esforço de sua malicia. Sabem que livrando-me Deus desta accusação, não achavam nem acharão cousa em que poder empecer-me.»

«Fui tão attentado ao grande decoro que devia á justiça de V. M., que, havendo recebido uma carta de elrei christianissimo para V. M. em recommendação da minha causa, desviei que ella se apresentasse a V. M. pelas mãos do secretario do expediente, só a fim de não obrigar a V. M. contra seu dictame a alguma correspondencia com aquella coiza, ainda a troco de minha utilidade.» (*)

«Presentemente deixei de valer-me da intercessão dos principes palatinos, com quem tinha algum conhecimento d'Inglaterra, e da rainha sua mãe e irmãos, quando me achei em Hollanda, sendo de alguma maneira invitado, com sua auctoridade, para esse effeito; só por me não parecer justo opprimir as resoluções de V. M. com extraordinarias diligencias.»

«Desejava e desejo de alcançar o beneficio de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M., ou da virtude de minha justiça.»

«Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter algum logar as communs, por singular favor peço a V. M. se sirva de mandar ouvir o que ácerca de minha causa, procedimento e pessoa diz o povo, de quem se affirma por sua boca falla Deus.»

«Mande-me V. M. ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos das lettras: ouça V. M. os bons e os melhores, que são os mais dignos de ser ouvidos, e de ser cridos dos principes: ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos: mande-se V. M. de todos elles informar ácerca de minha vida, dictos e feitos.»

«Que artificio será aquelle, que tanto saiba fingir? Que industria, a que de tantos se recate, e a todos engane?»

«Não é, senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso, entender que erra um ou dous primeiro que tantos? Que se enganam os poucos antes que os muitos; e que podem fingir os inimigos aquillo que se não póde fingir para todos?»

Depois desta passagem tão abundante e rica em sentimento, em vigor de raciocinio, em estylo, e em tudo, D. Francisco Manuel mostra com evidencia quão absurda era a accusação que contra elle moviam os seus inimigos de querer fugir da prisão em que se achava, e emfim conclue assim o seu admiravel papel.

«Eu deixei premios por vir buscar a V. M. e entreguei-lhe por eleição e por amor a liberdade que possuia. Nada disto se mudou, nem mudará em toda a vida; por quanto nas pessoas de juizo e christandade o castigo não induz desaffeição da parte de

(*) De outra passagem da Representação se colhe que esta carta d'elrei de França sempre foi ás mãos de D. João 4.^o

quem o dá, nem de quem o recebe. Castiga o bom pae e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.»

«Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para o saber agradecer. Se o não merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus, para saber discernir as acções de V. M. das de meus inimigos, e conhecer que sua malicia delles inexcusavelmente obrigaría, em vez de justiça, a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.»

«Tenho inimigos encubertos, e descubertos. Saiba-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço eu odio de nenhum, nem de ninguém. Todavia não descançam de fulminar meu damno. Não me val para com elles o callar e o soffrer: mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.»

«Conheceram que já aqui não tinham outra cousa com que criminar meu procedimento: inventaram esta, por ser a cousa que mais levemente se pôde crer de um preso o desejo da liberdade, sem saberem medir que ella para mim, por este meio, era mais dura que a prisão e o desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo a graça de V. M., e o suave repouso da patria, que, sobre todas as felicidades, é desejado dos homens.»

«Senhor! — castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me nelles, eu sou e serei dos mais fideis vassallos dos que a V. M. amam e obedecem.»

«Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade; nunca enganou aos amigos, aos conhecidos, nem a ninguém do mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas, para não haver de faltar a seu senhor e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais se espera e depende.»

«Mostrará o tempo o que prometto. Verá V. M., saberão estes reinos, se Deus me der vida, se V. M. m'a deixar empregar em seu serviço, que, castigado, despresado, e cheio de trabalhos, procedo tão alegre e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possui favores e premios.»

«Espero, já que no estado igual não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira que a todos pareça digno de lastima e perdão.»

«Occasiões passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. M. o sangue e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é licito excusar-se de pagar sua divida a quem e aonde manda seu acreedor, assim tambem ao bom vassallo não é licito excusar de dar sua vida na parte e como lhe manda seu senhor.»

«Isto conheço: isto promulgo: isto protesto fazer.»

«No desterro, na parte onde V. M. for servido que eu viva, alli, senhor, estarei mais satisfeito e mais honrado, que no favor e na companhia de outro algum principe do mundo.»

«Este é costume antigo de portuguezes, que alguns despresaram reinos para ser vassallos de seus reis.»

«Confio na bondade de Deus me dará graça para que não seja eu quem quebrante os louvaveis exemplos.» —

— Começou mui cedo D. Francisco Manuel o seu officio d'escriptor, que com tanta gloria exercitou toda a vida. Já dos 17 para os 23 annos ajunta-

va trabalhos de profunda meditação aos fructos da imaginação de mancebo, e á erudição de historiador e politico. Foi nestes verdes annos que compoz as *Concordancias Mathematicas*, a novella *Pinexas mallogradas*, o *Memorial da honra* sobre um imposto que Philippe 4.^o queria lançar á nobresa, e uma collecção de Sonetos á morte de D. Ignez de Castro, thema ou teima eterna dos nossos poetas. De todas estas obras a unica impressa é a ultima, isto é os sonetos, segundo todas as probabilidades, a menos valiosa de todas. Quando servia em Castella publicou a *Politica Militar* na lingua castelhana, de que muito se serviu, por ser esta mais geral, posto que no proprio idioma fosse tão versado como mostrou em varios escriptos. Depois desta obra, em cinco annos que decorreram até 1643, nada mais deu ao prelo, occupado inteiramente com os grandes negocios politicos e militares que nessa epocha agitaram todos os animos tanto em Portugal como em Castella.

Foi neste anno de 43 que deu á luz um manifesto a favor da revolução de 1640, com o titulo *Declaracion por el reyno de Portugal*, e debaixo do pseudonymo de Jeronimo de S. Cruz: no seguinte anno saiu com a *Demonstracion*, obra sobre o mesmo assumpto, bem como o foram os dous outros livros que publicou subsequentemente nos annos de 1645 e 1647, o primeiro intitulado *Ecco politico*, o segundo *Manifesto de Portugal*. Por estes mesmos annos publicou D. Francisco Manuel a *Historia de los movimientos y separacion de Catalunha*, obra ainda hoje lida e estimada por nós e pelos castelhanos; a vida de S. Francisco de Assis, que intitulou *El mayor pequeño*, escripto comparativamente de pouco merito, como o que imprimiu em dous volumes nos annos de 48 e 49, *El Fenix de Africa, Augustino*. Estas duas vidas de sanctos compostas nos tempos da sua dilatada prisão, mostram quão abatido estava aquelle grande espirito com tão diuturno padecer.

As obras poeticas de D. Francisco Manuel publicadas separadamente em diversas occasiões saíram junctas e accrescentadas, em Leão de França no anno de 1665. Constam de tres partes, a primeira e terceira contendo poesias castelhanas, e a segunda portuguezas. Entre estas se acha o entremez do *Fidalgo Aprendiz*, notavel pela propriedade e riqueza do estylo popular em que é escripto. Em algumas das *Cartas* imitou Sá de Miranda, mas ficou áquem do seu modello, posto que não careçam de merito, e entre os sonetos e epigrammas se encontram alguns de bastante graça e agudesa; no genero grave parece-nos levarem grande vantagem as poesias castelhanas ás portuguezas.

Duas obras moraes foram o fructo das suas meditações sobre a sciencia dos costumes; a primeira, talvez de todas as do auctor a mais geralmente conhecida, é a *Carta de guia de casados* [Lisboa 1651], notavel pela delicadesa das observações, e a solidez dos principios: a outra mais pesada e grave com certa côr theologica, e certo guindado de pensamentos e d'estylo, é a *Victoria del Hombre*, que publicou em Roma em 1664.

As *Epanáphoras de Varia Historia* [publicadas em Lisboa em 1660] são uma especie de estudos historicos, sendo talvez a primeira intitulada *Allerações d'Evora* a materia deste genero mais bem tractada por D. Francisco Manuel, que tão grande parte teve naquelles acontecimentos. A terceira que tracta do Descobrimento da Ilha da Madeira tem mais de novella que de verdadeira historia. Nas outras tres tomou por objecto, em uma o triste nau-

fragio da armada portugueza, que capitaneava D. Manuel de Menezes, destruida por um temporal que a levou ás costas de França em 1627, n'outra a batalha entre as duas armadas hollandesa e hespanhola, dada no canal d'Inglaterra, e em que os hespanhoes foram derrotados, na ultima emfim a conquista do Arrecife de Pernambuco feita pelo general Francisco Barreto aos hollandezes em 1654.

A *Primeira Parte das Cartas Familiares* sahio á luz publica em Roma no anno de 1664. Estas cartas, que pela natureza do livro pareciam o menos importante dos que compoz o nosso auctor, são um dos mais illustres monumentos da sua gloria litteraria. A variedade de materias que contem, o tom conveniente, o estilo, e sobre tudo a pureza e propriedade de dicção fazem que ellas sejam um dos melhores modellos dos que neste genero possui a lingua portugueza. Deste livro se fez nova edição em Lisboa, cousa das mais torpes e miseraveis que tem sahido dos nossos prelos, de modo que hoje é de raridade e estimação aquella primeira edição de Roma, principalmente quando lhe não falta a ultima carta, que em quasi todos os exemplares foi arrancada, talvez porque ahi se allude ás torpezas que em negocios religiosos se commettiam na curia romana.

A *Aula Politica* [Lisboa 1720]; os *Apologos Dialogaes* [Lisboa 1721] e o *Tratado da Sciencia Cabala* [Lisboa 1724] foram composições publicadas posthumas. A *Aula Politica*, *Curia Militar*, é uma noticia da origem, organização e prerogativas dos conselhos d'estado e de guerra, segundo os usos e leis d'Hespanha. Segue-se-lhe no mesmo volume a *Epistola Declamatoria* ao principe D. Theodozio, papel muito importante, que lhe dirigiu com o mesmo intuito com que dirigira a D. João 4.^o o que em grande parte publicamos neste artigo. Quiz nella ponderar ao principe os seus serviços, trabalhos e miserias na dilatada prisão que padecia. É obra mui digna de ler-se porque nella se encontra boa parte do vigor d'animo e d'eloquencia que, na supplica a elrei, o nosso auctor mostrou possuir. Neste mesmo volume se reimprimiu a *Politica Militar* publicada já em Madrid no anno de 1638.

Os *Apologos Dialogaes* são, em nosso entender, a baliza que marca o ponto mais alto a que subiu o talento de D. Francisco Manuel, e com rasão dizem os editores ser esta a obra mais politica, civil, e galante que fez seu auctor. O sal com que estão escriptos estes inimitaveis dialogos, o tacto com que nelles se castigam as loucuras, ridicularias, e maldades de uma sociedade corrupta, o talento com que o auctor trava esta especie de drama, genero de que alguma cousa participa o dialogistico, e a critica, erudição, e bom gosto de que elle dá provas, principalmente no ultimo dialogo, são os principaes motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco escreveu. Dividiu-o elle em quatro dialogos: o 1.^o intitulado *Relogios Fallantes*, em que são interlocutores um relógio da cidade e outro da aldêa: o 2.^o, *Escritorio Avarento* em que fallam um portuguez fino, um dobrão castelhano, um cruzadonovo, e um vintem navarro: o 3.^o, *Visita das Fontes*, que se passa entre a fonte velha do Rocio, a nova do Terreiro do Pago, Apollo, e um soldado: o 4.^o, em fim, *Hospital das Letras*, é um dialogo entre Justo Lipsio, Boccacini, Quevedo, e o auctor. Este é certamente por todos os titulos o melhor, e o mais claro testemunho da vasta lição de D. Francisco Manuel, bem como da claresa do seu juizo em materias litterarias. É para nós a cousa mais admiravel, o modo porque elle apresenta em poucas palavras a sua opinião ácerca de uma multidão d'escri-

ptores portuguezes, hespanhoes, italianos, francezes, &c. sempre com expressões frizantes e infinitamente variadas, accrescendo a isso que pela maior parte os seus juizos foram confirmados pela posteridade, que por via de regra condemnou ao esquecimento os seus incuraveis, ou mais gravemente achacados.

O titulo do *Tratado da Sciencia Cabala ou Noticia da Arte Cabalística* está dizendo o que é o livro: — um aggregado de quantos desvarios sobre esta falsa e abstrusa sciencia lembrou ajuntar aos antigos rabinos e a muitos entendimentos mais ricos d'imaginação que de juizo, e é innegavel que os muitos livros que D. Francisco Manuel leu ou consultou, para escrever o seu, lhe communicaram boa parte da lepra intellectual de que estavam eivados. Todavia encontra-se nesta obra muita e variada erudição, e sobre tudo uma particularidade mui curiosa que é a noticia dos maravilhosos effeitos da arte de ensinar os surdos-mudos, posta em pratica por seu auctor o catalão Bonet; effeitos que o proprio D. Francisco assevera ter testemunhado em Madrid, produzidos não só pelo referido Bonet, mas tambem por D. Luiz Ramires seu successor naquelle difficil ministerio e magisterio, e que muito melhorou a arte tanto na especulativa, como na pratica.

Extensissimo é o catalogo das obras inéditas de D. Francisco Manuel, e os titulos das principaes se podem ver na Bibliotheca Lusitana, posto que ahi se contém algumas que já se achavam publicadas como *La Impossible*, especie de drama que está entre as suas poesias, bem como o *Canto de Babilonia*, e se não nos falha a memoria a comedia *De Burlas haze amor veras*, impressa em um dos volumosos repertorios do Theatro Hespanhol.

Dessas obras inéditas apenas conhecemos duas; o *Tacito Portuguez: Vida e Feitos de D. João 4.^o*, que Barbosa não menciona, e que apesar de incompleta, seria uma das que mais contribuiriam para a gloria do auctor, se algum dia se publicasse. A outra, que lemos, e de que possuímos uma copia, é a *Feira dos Anexins*, livro curioso em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com frase conveniente e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza, e do verdadeiro estilo dramatico, cousa a mais difficil talvez neste genero de litteratura, e de que tão arrefidos andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracêus, e expressões falsissimas que aprendem pelos livros do visconde d'Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes; que até estes ás vezes apparecem eivados de tão pegadiço e damnado achaque.

Concluiremos aqui a noticia da vida e escriptos de um homem tão célebre, ácerca do qual desejaríamos ter encontrado mais miudas e averiguadas memorias; mas obrigados da estreiteza dos documentos acingimo-nos a tão pouco, e ainda assim não seguros de não ter cahido em algum erro, de que nos desculparão aquelles, que sabem quão grande trabalho ha quasi sempre em colligir apontamentos para a historia das cousas nacionaes, e dos varões que mais honraram esta nossa terra portugueza.

(A. H.)

JUSTIÇA é dar a cada um o seu; premio e honra ao bom, pena e castigo ao mau. — Cresce o reino, onde o merito tem premio e a maldade castigo. — *Fr. Jacintho de Deus. Brachyologia.*